



Universidade Norte do Paraná

SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO
NOME DO CURSO BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

MANOEL ROSA DOS SANTOS

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

MANOEL ROSA DOS SANTOS

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

Trabalho de Introdução à Economia apresentado à Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Wilson Salvalagio

Santa Luz
2009

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
1 INTRODUÇÃO	4
2 DESENVOLVIMENTO	10
3 CONCLUSÃO.....	12
4 REFERÊNCIAS.....	14

A Economia brasileira nas últimas décadas e sua história de como o país compreender o aparecimento da crise uma em seguida a outra e sua batalha para se livrar de cada uma delas. A circunstância dar início no início da década de 80. Precisamente Nessa ocasião que o país dar início a padecer com a dificuldade que aterrorizava todos os seus administradores e economistas até mesmo hoje o déficit em suas aplicações universal. De um ano para outro, em mil novecentos e oitenta (1980), as contas que o país continha a quitar no exterior. Mas, na ocasião de 80, por ambas as ocasiões o país continuar sem fundos. Por isso a crise emerge uma dimensão igualmente a séria da década que ficou marcada com a temporada de desenvolvimento econômico baixíssimo inferior a 1% ao ano, de desorganização da economia e de inflação impulsivo. Na qual foi nomeada da década perdida.

Nos anos 80 estréia com o país asfixiado pelo segundo choque do petróleo, que improvisar valor das importações desenvolverem e depositar na balança mercantil no vermelho. O Brasil, como consecutivamente derivar abusando de pagar dinheiro emprestado no exterior a juros banais, passou a necessitar de mais crédito extraordinário. Ao mesmo momento os Estados Unidos encara uma inflação elevada, de mais de 10% ao ano, e decidiu a ascender os juros pra níveis jamais experimentados por lá, acima de 20%. Isso induziu as taxas internacionais as mais altas. O Brasil, por isso, passa a saldar contas extremamente elevada de juros. E, para afrontar, o crédito internacional, além de caro, permanecer também raro. Por pretexto dos juros americanos, o dinheiro passou a ir para os Estados Unidos, e não para países em desenvolvimento.

O México, em mil novecentos e oitenta e um (1981), foi o primeiro a concordar que não teria como pagar seu endividamento. O Brasil arriscar a diminuir seu déficit, entretanto o atual ministro Delfim Neto naquela época declarou moratório um ano mais tarde, em mil novecentos e oitenta e dois (1982). Em meio a mil novecentos e oitenta e um e mil novecentos e oitenta e três (1981 e 1983), o país acabou vivendo a maior recessão de sua história. A economia retraiu 6,3%, segundo informação atualizada no I.P.E. A, Instituto de Pesquisa do Governo Federal. O país foi em seguida solicitar suprimento ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para obter dinheiro novo emprestado. Dar início uma série ainda não encerrada de negociações com o fundo.

Para retornar a conseguir pagar sua comprometimento extremos, a artifício adotado foi a de aumentar as exportações, para gerar ao mesmo tempo mais dólares. O medicamento selecionado para isso fio cítrico. Em Fevereiro de mil novecentos e oitenta e três (1983), foi feita a maxidesvalorização do Cruzeiro. O dólar passar a ser retificado pelos índices de inflação – o que, por sua vez, cooperar para aumentá-la. Os salários submergir a capacidade de investimento e o país estenderem-se a ter mais sobra de produção para exportar. Empreendimentos passam a embolsar dinheiro publico para somar as exportações e o governo dar início a reter arbitrariamente solicitação de importações, conceito que permitir que o comércio exterior passasse a ter saldo positivo, as reservas internacionais acendem e as contas extremas acabaram ajustadas. Em mil novecentos e oitenta e cinco (1985) o país recomeçava a crescer.

Em mil novecentos e oitenta e seis (1986), passar a existir o Plano Cruzado, em um experimento frustrada de abafar a inflação que crescia, voltou a tumultuar as contas externas. Em fevereiro, jazida o Plano Cruzado com o ministro Dílson Funaro. O governo congelou todas as tarifas e, além disso, a taxa de cambio o dólar. Extinguiu a correção monetária, mas estabelecer um gatilho: os salários eram reajustados a cada vez que a inflação batesse 20%. Acreditava-se que, ao ser rompido o elemento desmoralizador em meio a o elevado valor e do dólar, a inflação desapareceria. O que aconteceu, entretanto, foi um acréscimo acelerado da renda de quem embolsava salário. O consumo disparou, os empreendimentos passaram a comercializar mais no mercado interno e, por isso as exportações despenhar-se acentuadamente. Faltou mercadoria e, por isso, os custos elevarem-se, ocasionando inflação. As importações também desfecharam e fizeram o país queimar todos os seus fundos. Embora existissem umas tentativas de correção de rumo em novembro, com o Cruzado II e o fim do congelamento, mas, porém os preços elevarem-se desordenadamente até 100%. O país quebrou nas primeiras semanas de mil novecentos e oitenta e sete (1987) no qual o presidente José Sarney precisou proclamou uma nova moratória – novamente um novo cenário, o país mostrar-se que não teria como pagar suas obrigação a seus credores.

Assim com seu governo havia acabado anos antes com o FMI, Sarney completar o isolado internacionalmente. Seu ministro seguinte, Luiz Carlos Bresser Pereira, arriscar uma reaproximação com os credores e retomou a costume das desvalorizações do Cruzado – fez uma ao assumir e outra em junho, no

conhecido Plano Bresser. Congelou os salários e aumentou os juros acima da inflação, para diminuir o consumo. Novamente, os empregados empobreceram, mas as exportações elevaram-se. O saldo de a balança mercantil regressar a ficar positivo e o país suspender a moratória.

A inflação, porém, não parava de se acelerar. A cada experimento de suavizado o prejuízo que ela causava, bem como a correção de salários, mais alta ela retornar no mês seguinte, manter pelo próprio requinte monetário. No último mês do Governo Sarney, a inflação parte de mais de 80%. Mina então a ensaio mais radical de se travar essas inércias. O novo presidente, Fernando Collor de Mello, noticia em seu primeiro dia de governo, quinze de março de mil novecentos e noventa (15/03/1990), um plano que induze o seu nome e que, na extravagância, foi mais além do que qualquer antecessor.

Com o Plano Collor decidiu uma inédita confiscação do dinheiro que encontrar-se nas contas do indivíduo e dos empreendimentos no país. Não ficou isento nem a caderneta de poupança uma empresa que toda a população estimar acima da qualquer risco. Tudo o que extrapolar cinqüenta mil (50.000) dos antigos Cruzados Novos, nas contas, continuar a ser retido no Banco Central (BACEN) até setembro de mil novecentos e novembro e um (1991). Depois disso o dinheiro seria restituído em 12 parcelas e de fato foi, porém não bastou para cicatrizar o trauma da arbitrariedade do chamado Confisco Compulsório.

Junto com o rapto do dinheiro, custo e salários foram congelados. Sem dinheiro no negócio e com todos os custos estagnados, o governo esperava dar um tiro fatal na inflação. Fracassou: a inflação fechou o ano alcançando 1.000%. Mas, como conseqüência, o plano provocou uma brutal recessão. O Produto Interno Bruto despenhar-se 4,2% em mil novecentos e noventa (1990). Por essa ótica, foi o pior ano da historia da economia brasileira.

Em janeiro veio o Plano Collor Dois, que aventurar-se extinguir com uma penada a correção monetária das combinações no país. O governo instituiu um defletor para diminuir o índice de correção dos acordos. Com a medida suplementar, congelou preço e salários, como forma de amenizar a necessidade de correção, determina também o fim das aplicações com correção cotidiana, o chamado overnight. Mas ainda fracassou, O governo se tornou impopular e, em meio à acusação de corrupção, acabou desabando em mil novecentas e noventa e dois (1992).

A Revolução imediata na economia surgir em mil novecentos e noventa e quatro (1994). Em março desse ano, entrou em vigor a URV, uma unidade que trocar a moeda em movimento, o Cruzeiro, contudo servia para que os preços fossem convertidos para ela. Em Cruzeiros Reais, o novo temporário da moeda fixa. Em julho, conforme programação noticiada no início de ano, a URV deu lugar á moeda nova, o Real. Esse programa conhecido como Plano Real foi o que conseguiu interromper a galgar inflacionaria que já durava desde o início dos anos 80. A partir de então o país vive com índices de inflação similar aos dos países estável, quase consecutivamente abaixo de 10% ao ano.

Um das manobras para evitar que o Real também estresse com a podridão de seus antecessores – carência de confiabilidade e sob pressão constante por desvalorizações, alimentada pela inflação dos meses anteriores – foi fazer com que ele se desse valor logo na estrear. A moeda ganhou a confiança da população e cortou o ligamento com a inflação passada, no entanto o país se viu em uma emboscada: o Real valia mais do que deveria e não se sabia como ajustar seu preço sem colocar a perder a estabilidade conquistada.

Em março do ano consecutivo mil novecentos e noventa e cinco (1995), o BACEN Banco Central implanta uma inovação: o sistema de bandas para o câmbio. Pela primeira vez, o BACEM não fixaria abertamente o preço do dólar. A determinação poderia ser variável desde que não retirasse de dentro dos limites fixados pelo BACEN. O governo então lidar com a movimentação dos limites dessa banda, induzindo o Real a se declinar pausadamente. A finalidade era atingir a um ponto em comum em que seu preço permanecer equilibrado, sem que para isso fosse necessário um arrombamento, como uma maxidesvalorização. O Brasil permaneceu precisando de dinheiro emprestado para abonar seu déficit externo, mas nessa época, o credito era considerável para o país em desenvolvimento.

Essa tática começou a dar errado, porem, quando deflagrou uma crise financeira na Ásia, de julho a novembro de mil novecentos e noventa e sete (1997), e o comércio internacional cortou o crédito a países que cedo ou tarde teriam desvalorização das suas moedas ou passar por um risco de ter que dar calote no comércio – ou, no pior cenário, que cometeria as duas coisas. O Brasil, então, atravessa mais uma vez a dificuldade para obter financiamento no exterior e continuar em condições delicadas para sustentar a sua moeda valorizada. O dinheiro que possuíam era caro. Para mate-lo no país, o Brasil levanta as taxas de

juros a níveis altíssimos.

O déficit desapareceu, no entanto não a dívida nacional Washington o déficit orçamentário federal desapareceu. Transformado por uma economia forte em uma seqüência de superávits projetados que devem crescer mais durante os anos futuros pelo menos segundo a previsão fiscal deveria ser usada para o futuro desenvolvimento da nação.

É bem como uma família que, depois de gastar mais do que ganha, de repente, no final do mês, descobre que ganhou mais do que gastou grande novidade, seguramente, mas uma mudança que não livra a família do debito que cresceu durante os tempos difíceis e da determinação de pagar ou não esse debito.

Washington jamais correu muito risco de extrapolar o limite de seus cartões de credito. Mas a dívida nacional foi criada durante décadas de gasto deficitários, o governos federal não monopolizar por superávit estáveis desde os anos 20 o déficit conservar-se um marco legal econômico de porção estimável, Só atualmente o Congresso e a Casa Branca dão-se ao luxo de tratar o que fazer a respeito.

Em ultima análise, a abatimento da dívida tem sido atropelada, no procedimento políticos, pelo dispêndio do governo, diz John F. Cogan, consulente Sênior do Instituto Hoover e funcionários da equipe orçamentária dos governos Reagan e Bush. Atingir uma política continua de descimento da dívida é, no mínimo, muito difícil.

Há vários modos de se regular a dívida nacional, mas o mais eficiente é olhar a dívida publica indivíduos, empresas de Wall Street e bancos de todo o mundo que compraram títulos vendidos pelo Departamento do Tesouro. Há hoje em dia \$ 3,7 trilhões em dívida pública, o que é semelhante a 45 por cento da produção total da economia.

Em termos econômicos, é fácil responder á questão sobre se a redução de dívida deveria ser uma propriedade superior a cortes nos impostos ou aumento de gastos. A maior parte dos economistas concorda que pagar a dívida interna é o modo mais seguro de estimular a poupança e o investimento, quer mais empregos. Aperfeiçoar a produtividade e consentir que a economia cresça mais rapidamente.

O Fed matem firmes as taxas de juros enquanto o desenvolvimento e a baixa inflação permaneçam. Os mestres da política de reserva federal mais uma vez consentir nas taxas de juros estáveis e sinalizou que é admissível que a política monetária continuar a ser, por ora, em observação.

A expectativa do banco central tem origem na atuação saudável atual da economia norte-americana e em seu futuro incerto. Com desenvolvimento acentuado e inflação baixa, quase não há precisão de ajuste. Os ricos enquanto isso parece de maneira uniforme equilibrado entre aqueles que convidariam a um acréscimo da taxas de juros como uma inflação que poderia se originar da circunstância no mercado de trabalho e aqueles que poderiam determinar um corte na taxa de juros como uma desaceleração induzida pela situação no exterior.

Os elevadíssimos níveis de mercado de ações também complexificar os acontecimento: um aperto da política monetária poderia encher o que muitos funcionários do Fod temem ser uma bolha e que, alguns admitem atualmente, foi a consequência de um corte na taxa de juros e três quarto de ponto percentual, no outono passado.

Eu não sei qual a adequação na política monetária serão indispensáveis, se for o caso, para socorrer a economia a seguir uma tendência de desenvolvimento sustentável e sustentar uma inflação branda, descrever Edward Boehne, presidente da reserva Federal de Filadélfia, em um discurso no começo de março.

Os mercados financeiros anteciparam a decisão de deixar o alvo para a taxa dos fundos federais a taxa á qual o bancos emprestam um ao outro durante a noite (overnight) a 4,75%. Em seguida depois do anúncio ás 14h15 da tarde de terça-feira, o inicio Dow Jones Industrial, que tinha acumulado baixo ao longo da manhã. Deslizou rapidamente. Fechou a 9.913.26. Com uma baixa de 93.52 pontos.

O funcionário de fed discutiu também a chamada diretriz de políticas, uma consignação consensual que informa se o próximo movimento da taxa será de aumento ou de redução.

A macroeconomia tem como estudo as questões ligadas aos agregados econômicos, que possibilitam a obtenção de dados para a adoção de políticas econômicas consubstanciadas no instrumento econômico disponíveis. Com o estudo da macroeconomia se estabelecem os objetivos de políticas econômicas e se procura atingi-los, buscando melhor regular o funcionamento da economia no país, tratando de estudo de mercado individualizado, verificando como se comportam os consumidores e os produtores nesse mercado, como se dá a formação de preços dos produtos, analisando, portanto as ações individuais dos agentes econômicos.

Com o seu estudo, vamos conhecer as estruturas de mercado e a formação de preços conforme cada um dos mercados bem como os conceitos da demanda e da oferta.

O Desenvolvimento econômico se dá de fato por meio das ações microeconômicas. A macroeconomia estabelece os caminhos e tem o objetivo de promover as condições de ajuste da economia, mas são por meio das ações microeconômicas que se concretizam os investimentos que irão gerar as boas ofertas para o consumo e demanda. A produção dos bens gera emprego da mão de obra, que irá executar o processo produtivo e como recompensa recebe a remuneração que é o seu salário do pró-labore. O salário é renda que possibilita ao consumidor demandar os bens que ele necessita assim movimenta a economia em um espaço físico ou não, que é o mercado.

Ao estudarmos o instrumento de política econômica, vemos a possibilidade de atingirem - se aqueles objetivos que os governantes buscam. Vê-se então, que a adoção de políticas macroeconômica dá o direcionamento para a obtenção de ordem da economia.

Ao nos aprofundar nos conhecimentos da economia brasileira temos uma importante oportunidade de compreender as profundas transformações ocorridas no Brasil, relativamente aos aspectos econômico e sociais de nosso país.

Muito se transformou nossa economia, sobretudo se falarmos dos últimos vinte anos, mas não só este período é rico em mudanças. Observamos que as transformações da economia brasileira estão dinamicamente atreladas aos eventos políticos nacionais ou mundiais.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se lançou ao evento econômico que ficou conhecido como a implementação da indústria de base. Foi uma época de profunda participação do Estado brasileiro na economia, que levou a criação das grandes estatais, como as siderúrgicas, as companhias telefônicas e a Petrobrás, entre outras importantes empresas. Esta participação do estado na economia teve influência em outro importante evento econômico, que foi a implementação, no fim dos anos de mil novecentos e cinquenta (1950) e início dos anos de mil novecentos e sesenta (1960), da indústria de bens de consumo duráveis, capitaneada pelos eletrodomésticos e pela indústria automobilística, como parte do grande evento políticos que foi a plataforma de governo de JK Juscelino Kubcheque de crescer cinquenta anos em cinco.

Na estréia do projeto do governo militar de crescimento a qualquer custo, tivemos o conhecido milagre econômico, ocorrido na primeira metade da década de mil novecentos e setenta (1970) que permitiu ao Brasil crescer quase 14 por cento ao ano, em plena época do primeiro choque do petróleo. Enquanto o mundo esta em crise, o Brasil crescia a passos largos. Mas tanto crescimento, sem sustentação interna, realizados ás custos financeiramente obtidos no exterior, trouxe o endividamento externo e junto o desequilíbrio de preços, ou seja, a inflação que tanto mal causou à economia brasileira.

Já na década de mil novecentos e oitenta (1980) e conhecida com a década perdida pelo péssimo resultado do PIB Produto Interno Bruto brasileiro, vimos a fraqueza econômica se instalar em nosso país. Depois de vários pactos econômicos em mil novecentos e noventa e quatro (1994) foi lançado o Plano Real, que consegue controlar a inflação e a matem em níveis baixos até hoje.

No fim do ano de mil novecentos e oitenta (1980) e início da década de mil novecentos e noventa (1990) passamos a conviver com o processo de globalização da economia, que junto trouxe a defesa da menor participação do Estado na economia e a crescente valorização da economia de mercado, que no Brasil teve como ícone o processo de privatização da várias estatais.

Posteriormente tivemos a mudança no sistema cambial brasileiro, que passou ao sistema de taxas fluente e que até hoje prevalece.

Observamos que independentemente do agente econômico em ação verifica-se que a economia é uma ciência social fundamental na utilização nos fatores de produção para atender as necessidades das pessoas. O Problema fundamental da economia é que os recursos são escassos e as necessidades são ilimitadas. Necessidade estas que são atendidas por meio dos bens econômicos, produzidos pela combinação dos fatores de produção, conforme o conceito dos fluxos real e monetário da economia.

O estudo da economia se dá por dois ramos básicos que são a microeconomia e a macroeconomia.

Ao aplicar os instrumentos de política econômica, vemos a possibilidade de atingirem-se aqueles objetivos que os governantes buscam. Vê-se, então, que a adoção de políticas macroeconômicas dá o direcionamento para a obtenção da ordem da economia.

A economia brasileira, que transitou de profunda participação do Estado até uma diminuição desta participação após muitas tentativas, acabou por conseguir melhor equilíbrio econômico, permitindo avanços importantes em nosso sistema econômico.

Uma economia mais equilibrada permite à iniciativa privada a investir com mais tranquilidade e possibilita ao consumidor adquirir os bens necessários ao atendimento de suas necessidades. E é dentro deste contexto da economia dinâmica que entendemos e, sobretudo a ação dos agentes econômicos privados.

Os mercados estão estruturados conforme o nível de concentração, a diferenciação dos produtos e a dificuldades de entrada dos novos concorrentes. Estes três características norteiam o tipo de formação de mercado.

Vimos ainda que o equilíbrio do mercado dependa dos agentes, em suas ações de demanda e oferta. Este equilíbrio ocorre à medida que os consumidores estão dispostos à compra mais, se o produto for mais barato e assim força o produtor reduzir os preços para conseguir vender seu produto. Por outro lado, as necessidades do consumidor adquirirem o produto também leva ao equilíbrio de mercado, uma vez que, para não ficar sem o bem o consumidor também aceita abrir mão de uma parte de seu benefício.

As firmas necessitam reunir os fatores de produção, que não são bens livres, portanto as empresa precisam pagar preços para pode utilizá-los.

Assim temos que os custos de produção são custos de combinação dos fatores pela qual podemos ter a quantidade de produto desejado. Da mesma forma, as firmas ao desenvolverem seu processo produtivo, não têm apenas custos. As firmas procuram uma compensação pelos custos, que são lucros.

REFERÊNCIAS

Wilson Salvalgio **Introdução à Economia**: administração – São Paulo Pearson Educations do Brasil, 2009.

Texto Duas décadas na Economia Brasileira.